

Resenha

A fé e o fuzil: crime e religião no Brasil do século XXI de Bruno Paes Manso

Gerson Leite de Moraes¹

Publicado pela Editora Todavia em 2023, o livro *A Fé e o Fuzil: crime e religião no Brasil do século XXI*, escrito pelo jornalista e pesquisador do Núcleo de Estudos de Violência da USP, Bruno Paes Manso, é uma obra estruturada em doze capítulos de tamanhos distintos e uma pequena conclusão. O autor em questão é Mestre e Doutor em Ciência Política pela USP e professor no curso de jornalismo da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), além de integrar o grupo de pesquisa Jornalismo, Direito e Liberdade, ligado à Escola de Comunicação e Artes da USP. O objetivo do livro é lançar luzes na relação delicada entre o crime organizado e as igrejas evangélicas, principalmente as situadas no espectro pentecostal. Vale ressaltar que o relacionamento há pouco destacado, na visão do autor, se espraia para os campos da violência, da intolerância, da economia e da política. Seu método é uma mescla de reportagens jornalísticas com etnografia, fazendo das periferias de grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, seu laboratório social. Há muito tempo trabalhando com a temática da violência, o pesquisador foi recolhendo material ao longo de décadas que apontavam para o fenômeno do crescimento de dois segmentos que aparentemente não poderiam ter nenhuma vinculação, o crime organizado e as igrejas evangélicas. Ocupando o mesmo recorte temporal, entre o final do século XX e início do XXI, estes dois grupos sociais possuem aproximações e distanciamentos, mostrando como as relações humanas e organizacionais se articulam num Brasil no qual o discurso neoliberal tem fincado raízes.

O autor inicia o capítulo primeiro [*Metanoia*], apresentando ao leitor a história de um ex-bandido, convertido ao pentecostalismo depois um grande “milagre”, após um episódio no qual sofreu um atentado e levou 12 tiros de bandidos rivais, e que atualmente é missionário da Igreja do Evangelho Quadrangular. Seu nome é Marcelo Vitor de Souza, mais conhecido como Marcelinho, um habitante do Capão Redondo, bairro da periferia de São Paulo, próximo da divisa com Embu das Artes. Ao longo do livro, o autor adotará como método a apresentação de vários personagens que tiveram suas vidas vinculadas ao crime, mas que passaram por processos de conversão e seguem alguma igreja evangélica na atualidade. Marcelinho é o lídimo representante do universo pentecostal que o autor pretende explorar, ele transitou do mundo do crime para uma igreja evangélica, sempre enxergando a realidade como “mundo encantado”, repleto de intervenções divinas que produzem milagres nas vidas do que creem. O capítulo enfatiza como as igrejas evangélicas pentecostais se transformaram em redutos de ex-bandidos, que viram na mensagem pregada por tais igrejas, uma chance de recomeçarem suas vidas através da mudança de consciência e comportamento (metanoia). Para estas pessoas que foram marcadas por uma vida de crimes, a conversão é única forma de iniciar um caminho novo sem os passivos do passado, garantindo ao novo converso um salvo-conduto para fora do crime, zerando suas divergências com grupos rivais. Marcelinho é um interlocutor privilegiado que permite ao jornalista *outsider*, compreender melhor aquele universo e seus códigos.

No segundo capítulo [*O novo real*], logo de saída, dois novos personagens são apresentados, são eles Tenente Pereira e Florisvaldo de Oliveira, mais conhecido como Cabo Bruno. Dois

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (2014); Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2008). Professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP. E-mail: gersonleitedemoraes@gmail.com.

homens, que diferentemente de Marcelinho, eram oriundos de forças policiais, mas ingressaram no mundo do crime como justiceiros, que matavam por idealismo ou a soldo, pois acreditavam que deveriam exterminar os bandidos porque estes seriam irrecuperáveis, pensavam estar promovendo uma higienização dos seres “maus” nas periferias para que os “bons” pudessem viver mais tranquilos. Sentenciados a décadas de prisão, passaram também por processos de conversão e dedicaram suas vidas à causa religiosa. Outros convertidos têm suas transformações registradas ao longo do capítulo, casos como do ex-ator Guilherme de Pádua, condenado pelo assassinato da atriz Daniella Perez em 1992, que se tornou pastor da Igreja Batista da Lagoinha, em Minas Gerais e do ex-vocalista da banda Raimundos, Rodolfo Abrantes, também convertido no auge do sucesso da banda. O capítulo guia-se pela temática que aparece no título, “o novo real” é caracterizado pela força dos testemunhos que pontuam o “antes” e o “depois” da aceitação de Jesus Cristo. As múltiplas plataformas midiáticas reverberam os testemunhos de famosos e anônimos, deixando um séquito enorme de “ex-mendigos”, “ex-meninos de rua”, “ex-trafficantes”, “ex-líderes de facções”, “ex-satanistas”, “ex-viciados”, deixando claro que o testemunho dá credibilidade e peso à oferta de uma nova vida. O capítulo se encerra mostrando que o novo real chegou ao campo da política, tanto na esquerda quanto na direita. Marina Silva, ex-senadora, deputada federal e ministra do Meio Ambiente, convertida em 1995, é um exemplo de político que nunca misturou fé e política, mas também há o exemplo da eleição do Bispo da Universal, Marcelo Crivella para a prefeitura do Rio de Janeiro em 2016, com um discurso moralista, o religioso já dava sinais do que seria uma prática comum no governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, a saber, o uso desavergonhado da religião de forma instrumentalizada.

No terceiro capítulo [*As facções do bem*], Bruno volta-se para o ambiente carioca. Desde o começo dos anos 1980, dois bairros vizinhos da zona norte do Rio, Vigário Geral e Parada de Lucas, viraram símbolos das rivalidades das facções criminosas fluminenses, o Comando Vermelho e o Terceiro Comando. Em 2007, o Terceiro Comando Puro, novo nome do Terceiro Comando, assumiu o controle da venda de drogas em toda a região, apelidada desde então de Parada Geral, ali foi colocado em funcionamento uma política de apaziguamento entre os traficantes e as forças policiais, fato que abriria espaço para o crescimento das milícias cariocas (grupos formados sobretudo por policiais e agentes penitenciários), que se transformaram no grupo criminoso mais poderoso do Rio de Janeiro. Paralelamente a este fenômeno, outro ganhava força nos bastidores das favelas cariocas, a vinculação entre crime, milícia e pentecostalismo. Dois expoentes desta aliança são destacados no capítulo, os traficantes Fernando Gomes de Freitas (Fernandinho Guarabu) e Álvaro Malaquias Santa Rosa (Peixão ou Mano Arão), que representam com fidelidade o fenômeno atual do narcopentecostalismo, fato que acabou criando uma nova modalidade de fiel, o “traficrente”. Inspirado numa leitura literalista da Bíblia, Mano Arão criou o Complexo de Israel, um conjunto de cinco favelas sob o comando teocrático do líder narcopentecostal. No Complexo de Israel, é possível visualizar uma enorme estrela de Davi, em neon azul, no topo de uma caixa d’água e bandeiras de Israel, além de pichações em muros com a seguinte frase: “Jesus é o dono do lugar”.

O quarto capítulo [*A epidemia do fim dos tempos*] narra o mergulho que o autor fez no campo pentecostal, inclusive participando de um curso on-line de Teologia Básica. Ali ele pode compreender melhor a “cultura gospel” praticada no Brasil e a inserção dos dogmas religiosos no debate público nacional, além de perceber como o discurso das teorias conspiratórias veiculadas pelo astrólogo Olavo de Carvalho haviam penetrado no terreno religioso e ganhado ressignificações com o discurso apocalíptico já muito presente nas pregações pentecostais. Entre os *illuminati*, a Nova Ordem Global e uma leitura fundamentalista da Bíblia, ele pode perceber como Bolsonaro virou uma espécie de “enviado” de Deus para alguns segmentos pentecostais, visando restabelecer a vontade de Deus entre os homens.

Já no quinto capítulo [*Ondas urbanas – a grande fuga*], Marcelinho e sua família voltam à tona para exemplificar o processo migratório ocorrido no Brasil a partir de 1930 e a intensa urbanização das metrópoles e suas conurbações. Calcula-se que entre as décadas de 1940 e 1990, o fluxo de migração interno no Brasil, alcançou 90 milhões de pessoas. O abandono do mundo rural e os desafios de viver numa cidade grande e hostil, produziram violência em larga escala para milhares de famílias que se aventuraram nesta empreitada. A massa de desvalidos abandonados à própria sorte, sem a assistência do Estado, encontrou duas soluções para organizar a vida caótica nas grandes cidades: a fé o fuzil. Quanto à primeira, a religiosidade de matriz pentecostal foi uma opção viável para um contingente enorme de pessoas desorientadas, principalmente a partir da década de 1950. Com relação à segunda, o aumento da violência policial e dos homicídios nos bairros urbanos pobres, a partir da década de 1980, abriu espaço para a disseminação das facções de base prisional e das milícias, que começaram inicialmente a ocupar um espaço como poder paralelo ao Estado, mas hoje em dia, pode-se afirmar, já estão presentes na estrutura estatal.

No capítulo sexto [*Exorcistas*], o pesquisador destaca o nascimento do pentecostalismo nos EUA e sua posterior e rápida penetração no Brasil. O canadense Robert McAlister (1931-1993) é destacado como peça-chave no desenvolvimento do movimento neopentecostal brasileiro, pois difundiu a crença entre seus discípulos mais fiéis (Edir Macedo, RR Soares, Miguel Ângelo) de que é necessário aquinhoar muito dinheiro e investir pesado em mídia (Tv e rádio) para levar a mensagem do Evangelho adiante. É de McAlister também a ideia de que o Brasil não se desenvolvia economicamente porque era dominado pelo mal, representado pelas entidades da religiosidade indígena e africana. Esta herança cultural advinda do mundo rural era a grande culpada pelo atraso no desenvolvimento econômico brasileiro e precisava ser exorcizada. Nesta chave de interpretação, o mal tinha sido descoberto e a cura estava à disposição. Com uma mensagem simples e sedutora, os exorcistas podiam mudar os rumos do país através de suas pregações.

O sétimo capítulo [*Exterminadores*] descreve o nascimento e descortina o papel dos esquadrões da morte no Brasil, que seriam vistos desde então por boa parte da população como um efeito colateral para conter o aumento da violência nos grandes centros urbanos. Justiceiros e grupos de extermínio difundiram a ideia de que a violência só pode ser combatida com mais violência. A arquitetura de uma política de segurança desenhada na ditadura, espaço onde o Estado pratica crimes em nome da lei e da ordem, será preservada, ampliada e incentivada por políticos populistas e demagógicos no período da redemocratização do país, gerando caos e violência desenfreada nas cidades brasileiras.

No capítulo oitavo [*Libertadores*], o pesquisador lança luzes sobre a Teologia da Libertação. Na segunda metade do século XX, fica evidente no país que há duas vertentes políticas opostas convivendo em meio à sociedade brasileira, uma que defendia uma visão democrática e a outra que propugnava uma visão hierárquica, baseada na força e na ordem. Em obediência aos novos rumos propostos pelo Concílio Vaticano II, clérigos brasileiros incentivaram a visão democrática de organização social da população brasileira, com forte penetração social nas periferias dos centros urbanos, as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) estimulavam a vivência cristã por meio de um engajamento na luta contra as injustiças perpetradas contra os excluídos. Os mensageiros deste cristianismo libertário, com forte presença na sociedade, acreditavam que “gente simples, fazendo coisas simples em lugares de pouca importância geram grandes transformações”. (p.170)

O nono capítulo [*Os guerreiros do caos*] é a descrição do processo de urbanização acelerada em São Paulo e Rio de Janeiro, permeado por drogas e violência. A sociedade do consumo cresceu de forma desenfreada, gerando um conflito geracional, de um lado estavam aqueles que vieram do mundo rural para tentar a sorte nas selvas de pedra, do outro, estavam aqueles que já haviam nascido nos centros urbanos. O caos estabelecido nas periferias fazia explodir os números da

violência, chacinas e mortes por assuntos banais eram comuns, justiceiros tentavam vingar mortes de familiares, gerando uma interminável avalanche de assassinatos. Somente com a criação das facções criminosas oriundas dos presídios, Comando Vermelho e Terceiro Comando no RJ e Primeiro Comando da Capital (PCC) em São Paulo, a situação da violência ganharia um novo capítulo. Estas facções surgiam como agências mediadoras capazes de garantir previsibilidade no mercado da violência. Ocupando um lugar deixado pelo Estado, os guerreiros do caos passariam a impor suas leis para uma população saturada pela violência.

No capítulo décimo [*Empreendedorismo transcendental*], o autor se debruça novamente sobre o pentecostalismo, apontando-o como uma opção viável para um contingente enorme de pessoas que tiveram que construir suas vidas nas periferias violentas das grandes cidades, nas quais os três “Cs” pareciam ser inevitáveis: cadeia, caixão ou cadeira de rodas. Com uma mensagem simples que explorava os meios de comunicação de massa (Tv e rádio), os pentecostais construíram suas igrejas em meio a territórios conflagrados e investiram pesado no empreendedorismo transcendental, ao ponto de destronarem o discurso igualitarista das CEBs. Com um discurso ao mesmo tempo, popular e conservador, os evangélicos de maneira geral começaram a compreender que precisavam ocupar o espaço público, o resultado foi o desenvolvimento da Teologia do Domínio, que propaga a ideia de que para se chegar ao governo da Igreja [eclesiocracia] é necessário avançar sobre os “Sete Montes”: família, religião, educação, mídia, entretenimento, finanças e governo. Nesta empreitada fundamentalista, vale tudo, até mesmo abraçar politicamente representantes da extrema-direita, afinal, como disse certa vez Edir Macedo: “Para Jesus, até gol de mão vale” (p.210).

Já no décimo primeiro capítulo [*A mão invisível do mercado do crime*], a ênfase está na nova configuração do crime organizado no Brasil, tendo como referência o PCC, que atua como a principal agência reguladora do mercado do crime, criando uma nova ética, que por sua vez, impõe ordem e previsibilidade num mundo violento e sem governo. No mesmo capítulo, o autor mostra também as afinidades e os paralelos entre crime e religião, apontando para os discursos parecidos em ambas as esferas, tais como a defesa da prosperidade e o espírito guerreiro. Numa sociedade que se abriu à visão de mundo neoliberal, pode-se afirmar que: “Ganhar dinheiro e poder era o sonho do crime, dos *fariálimers* do mercado financeiro, dos *coaches* de autoajuda e de boa parte do universo gospel, a religião do capital que valorizava a prosperidade e enxergava o sucesso financeiro como uma bênção divina” (p.239). Aproveitando as brechas do sistema, o crime organizado tornou-se parte inexpugnável da sociedade e encontrou no discurso do empreendedorismo uma maneira de se legitimar, paralelamente, pode-se observar que o crime organizado começou a usar algumas igrejas evangélicas para lavar o dinheiro do narcotráfico. A narcoeconomia definitivamente havia se encontrado com o narcopentecostalismo, selando uma aliança entre dois atores com valores aparentemente opostos, mas que no chão da realidade histórica acabaram se reconhecendo pelo discurso do sucesso financeiro.

No décimo segundo capítulo, o último do livro [*Dinheiro, fé e fuzil*], o pesquisador tenta mostrar como o crime organizado está infiltrado de maneira sistemática nas instituições do Estado brasileiro, sendo legitimado muitas vezes pelos discursos de políticos ligados às igrejas evangélicas. De times de futebol, passando por clínicas médicas e odontológicas, avançando para a coleta de lixo e o transporte público, além de igrejas, o poder do fuzil se faz presente no cotidiano das pessoas. No campo político, o capítulo pretende mostrar que especialmente na última década, desde as jornadas de 2013, a política brasileira passou por transformações profundas, momento em que os políticos idealistas do passado perderam espaço para os “novos políticos”, que geralmente se apresentam como antissistema, apostando no absurdo amplificado pelas redes sociais. Tal prática pode ser percebida na frase de Mencius Moldbur, um blogueiro da extrema-direita americana. Ele disse: “qualquer um pode crer na verdade, mas acreditar no absurdo é uma real demonstração de

lealdade – e pode ajudar a formar exércitos” (p.274). Neste cenário distópico, o campo religioso brasileiro, que viu nos últimos anos a derrocada do sonho de justiça social apregoado pela Teologia da Libertação se tornar um discurso vazio, enquanto presenciou a consolidação da Teologia da Prosperidade e da Batalha Espiritual, passou a ser um espaço instrumentalizado por políticos de extrema-direita destilarem ódio e intolerância. “Milicianos, grileiros, traficantes, políticos corruptos, armamentistas, misóginos que afirmassem seguir os ensinamentos bíblicos, mesmo distantes do que pregava Jesus, podiam cerrar fileiras no exército dos homens tementes a esse Deus guerreiro. Depois de terem sido desprezados no passado, os homens violentos voltaram a governar esse mundo distópico, em que sobrevivem os mais fortes ou os aliados do Todo-Poderoso” (p. 277). No Brasil do início do século XXI, pode-se afirmar categoricamente que “fé e fuzil” fizeram alianças.

Na conclusão do livro [*Ubuntu ou Para adiar o fim do mundo*], Bruno Paes Manso procura fazer uma reflexão pessoal, parecendo buscar uma alternativa de crença para um cenário tão caótico como ele descreveu ao longo dos doze capítulos anteriormente relatados. Apoiando-se em Yuval Noah Harari, Ailton Krenak e no *ubuntu*, filosofia sul-africana que serviu de base para que Nelson Mandela e o bispo Desmond Tutu costurassem um pacto nacional para a reconstrução do país no pós-apartheid, o autor *outsider* que teve contato com pessoas profundamente religiosas, que transitaram entre o crime e a religião, montou sob o impulso da perspectiva pós-moderna, sua própria religiosidade para continuar resistindo num mundo que parece destinado à autodestruição. Novas crenças que produzam uma nova consciência coletiva talvez seja a única chance do *homo sapiens* num tempo tão turbulento como o nosso.

A obra aqui analisada é de uma leitura cativante, pois a habilidade redacional do autor fica evidente em cada página. Para os especialistas em religião, especialmente aqueles que se dedicam a estudar o fenômeno pentecostal brasileiro, algumas informações já são amplamente conhecidas, mas de maneira alguma isso desmerece a obra, pois as conexões entre o campo religioso e o crime organizado são extrema pertinência e atualidade. A temática envolvendo religião e violência tem chamado a atenção dos pesquisadores brasileiros há algum tempo, *A Fé e o Fuzil* é um livro que vem se juntar ao imenso material já existente e oferecer subsídios para o aprofundamento desta discussão que parece estar muito longe de ser encerrada. Levando-se em consideração os fatos novos revelados diariamente pelos jornais impressos e televisivos, além da internet, tudo indica que o relacionamento entre crime organizado e religião ainda terá novos e interessantes capítulos.

Referência

MANSO, Bruno Paes. **A Fé e o Fuzil: crime e religião no Brasil do século XXI**. São Paulo: Todavia, 2023.

Recebido em 26/08/2024

Aceito em 15/01/2025